OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 366

21 DE FEVEREIRO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Portugal acaba de perder um dos seus maiores artistas, o grande esculptor Soares dos Reis.

Ha muito tempo doente d'uma doença exquisita, que o lançara ha mezes n'uma enorme mysanthropia que o trazia affastado de todos, da sua familia, dos seus amigos, dos seus collegas, da sua arte, Soares dos Reis pôz termo a todos os seus soffrimentos na manhã do dia 16 do corrente, no Porto, onde residia, mettendo uma bala na cabeça.

A noticia voou logo a Lisboa com a rapidez das más novas, enchendo de pesar e de funda tristeza todos os amigos que aqui tinha o homem, que eram todos que o conheciam de porto, todos os admiradores que tinha o artista, que eram todos que conheciam as suas primorosas obras.

Nós soubemos a triste noticia ás 4 horas da tarde na rua do Arsenal. Quem nol-a deu foi um grande amigo de Soares dos Reis, um artista tambem illustre no seu genero, o sr. Leandro Braga.

Estava triste e pesaroso como se lhe tivesse morrido um parente muito querido e muito chegado; e a contar-nos o triste fim do grande artista, os olhos estavam-lhe marejados de lagrimas.

Leandro Braga era um dos maiores e mais intimos amigos de Soares dos Reis.

Durante a ultima estada do illustre esculptor portuense em Lisboa, ha semanas ainda, Braga andava sempre com elle.

Quasi todas as noites os encontravamos juntos: Soares dos Reis sempre mettido comsigo, taciturno, de poucas palavras; Braga animando-o, puchando-lhe pela lingua, apresentando-o a um e a outro, fazendo-o conversar, obrigando-o a rir, distrahindo-o com toda a sollicitude d'um irmão extremosissimo.

E graças a essa amizade, a esses cuidados, á sua convivencia permanente, sollicita e intelligente, Soares dos Reis que viera do Porto, para convalescer da sua doença, umas exaltações cerebraes violentissimas que o fizeram estar tres mezes n'uma casa de saude, n'aquella cidade, deu-se aqui muito bem, melhorou consideravelmente e regressou ao Porto quasi que restabelecido, pelo menos apparentemente.

Ali porem a doença voltou, as exaltações cerebraes reappareceram mais violentas, a mysantropia recrudesceu e teve no sabbado ultimo o desenlace fatal que já noticiamos.

Soares dos Reis morava em Villa Nova de Gaya na rua Camões, n'uma casa contigua ao seu atelier de esculptor e com o qual tinha communicação interna.

O grande artista andava já ha dias muito irritavel, fugindo da convivencia de sua mulher e dos seus amigos, tratando bruscamente a todos.

No sabbado 16, de manhã, levantou-se cedo, como era seu costume e foi para o seu atelier trabalhar no busto de Fontes Pereira de Mello, o trabalho que tinha agora entre mãos, a que tinha grande amor, e a que dava todos os seus cuidados.

Cêrca das nove horas ouviu-se em casa uma detonação, que parecia ter-se dado na saleta do rez do chão.

A familia de Soares dos Reis correu logo ali sobresaltada, como que palpitando uma grande desgraça.

Felizmente tinha-se enganado, pelo menos assim o julgou.

Soares dos Reis estava em pé ao lado d'uma mesa limpando o seu revolver, e contou muito naturalmente o que se passara: na occasião de limpar a arma, ella disparou-se, o que é vulgarissimo, sem lhe fazer mal algum.

E isto foi contado tão singelamente, sem nenhuma commoção, com tanta naturalidade que todos acreditaram.

D'ali a pedaço Soares dos Reis passou a uma casa contigua, que era o seu escriptorio, onde elle ás vezes escrevia e desenhava, e d'ali a nada ouviu-se uma nova detonação.

Então a familia novamente sobresaltada, correu a esse gabinete, e encontrou o grande artista morto no chão, com o craneo despedaçado por uma bala e conservando ainda na mão o rewolver com que se matara.

O primeiro tiro, aquelle que elle explicara tão naturalmente, não se disparára por acaso, fôra uma primeira tentativa de suicidio.

ANTONIO SOARES DOS REIS—Fallecido em 16 do corrente

(Segundo uma photographia)

Ha muito tempo que Soares dos Reis abobora-va a idéa do suicidio sem ter coragem para a levar a effeito, e até chegara a lamentar-se a um amigo intimo, queixando-se do muito que padecia de ser um covarde que não tinha tido ainda animo de acabar com aquillo tudo d'uma vez para sempre.

Desgraçadamente teve agora essa coragem.

Soares dos Reis suicidou-se sentado em frente da sua mesa de trabalho, disparando o rewolver appoiado sobre a fonte direita.

A bala despedaçou-lhe o craneo tão violentamente que parte da massa encephalica foi parar a grande distancia; depois de morto o corpo resvalara para o chão, onde a desolada familia o encontrou.

Na parede fronteira á cadeira em que se matou o grande e infeliz artista escrevera a lapis:

«Sou christão, porém n'estas condições a vida para mim é insupportavel. Peço perdão a quem offendi injustamente mas não perdôo a quem me fez mal. Soares dos Reis.»

Estas simples palavras testemunham um pouco o desequilibrio terrivel que havia nas suas faculdades intellectuaes, desequilibrio de que o suicidio foi a tragica resultante.

Soares dos Reis deixa viuva uma senhora de Villa Nova de Gaya com quem casara ha quatro annos e de quem tinha dois filhos, uma menina de tres annos e um menino de dois.

O nome de Soares dos Reis é bem conhecido de todo Portugal para que tenhamos aqui agora de fazer a biographia do grande artista de lhe historiar a sua refulgente e merecedoura gloria.

As suas obras gigantes ahi estão a testemunhar a contemporaneos e a vindouros quanto valia esse genial artista.

A primeira obra que o poz mais em evidencia, foi a estatueta *um artista na infancia*,[1] que figurou com extraordinario successo, aqui ha annos n'uma das Exposições da Sociedade promotora de Bellas Artes nas salas da Academia de Lisboa; a ultima que apresentou a publico foi o magnifico busto de Emilia das Neves que ha semanas se inaugurou no atrio do theatro de D. Maria.

Entre estas duas obras que encontramos no principio da celebridade de Soares dos Reis e no fim da sua curta vida d'artista tão desastradamente ap'ogada, figura uma notavel collecção d'obras primas: a estatua do *Desterrado* e de D. Affonso Henriques, no monumento de Guimarães, que o OCCIDENTE reproduziu em tempo em gravura[2], os bustos do sr. conselheiro Hintze Ribeiro, da sr.ª Viscondessa de Moser, d'uma das filhas do sr. conde d'Almedina.

Paz á sua alma.

Continuando a serie de originaes portuguezes que tem esta epocha havido nos theatros de Lisboa, o theatro de D. Maria deu-nos ha dias um drama em 4 actos original do sr. D. Thomaz de Almeida, intitulado *Margarida*.

A peça sem ter um grande successo agradou todavia, sendo o seu auctor muito festejado na primeira noite: apesar de todo o nosso desejo de a vermos, ainda não nos foi isso possivel: tencionamos fazel-o porém em breve, e depois diremos d'ella aos nossos leitores.

Entretanto n'estes dez dias que decorreram sobre a nossa ultima chronica houve nos theatros de Lisboa um acontecimento importantissimo, um acontecimento de primeira ordem, a estreia d'uma nova actriz no theatro da Trindade.

Chama-se Cinira Polonio essa nova actriz e veio-nos do Brazil.

É uma rapariga elegante, muito branca e muito loura, bonito, mais magra que gorda, mais alta que baixa, e tendo sobre tudo uma grande distincção, a linha fina e espirituosa que caracterisa a actriz franceza.

No theatro é precisamente essa linha que lhe dá todo o encanto, que lhe presta uma grande superioridade sobre a maioria das nossas actrizes; que faz realçar extranhamente os seus bellos dotes artisticos, o seu gracioso talento de comediante, a sua bem timbrada voz de *chanteuse* d'operetta de que sabe usar com uma arte consumada de cantora o que d'ordinario não é o apanagio dos artistas d'este genero de musica a brincar, e o seu fino espirito de boa *diseuse* que se traduz na perfeição e delicadeza com que accentua tudo o que tem a dizer, tanto fallando como cantando, e fazendo valer todas as *nuances* mesmo as mais delicadas dos seus papeis.

Comprehende-se bem que com todos estes dotes que a fariam muito distincta em qualquer theatro, a nova actriz se evidenciasse immediatamente no palco da Trindade, e do primeiro momento tomasse o seu logar entre as primeiras *etoiles* d'aquella companhia.

E assim foi.

Cinira Polonio debutou ha noites no papel de Manola na *Noite e o dia* de Lecocq, papel que fôra creado na Trindade pela festejada actriz Anna Pereira.

Apesar de todos os escolhos que tinha a apresentação d'uma debutante logo n'um confronto com uma actriz como Anna Pereira, Cinira venceu brilhantemente todas as difficuldades, e a sua estreia terminou em um ruidoso e triumphal successo.

E dizemos muito propositadamente terminou, porque foi assim mesmo, porque no principio a debutante foi recebida friamente, quasi que com hostilidade pelo publico, que não a conhecendo inteiramente nada, tendo a aggravar-lhe a sua reserva habitual para com as debutantes as boas recordações que tinha de Anna Pereira, uma das suas mais justamente queridas artistas, estava disposto a ser muito severo, muito austero para com a nova actriz, que vinha assim de repente metter-se na camisa de onze varas d'esse serio confronto.

E essa austeridade, essa severidade fez com que elle não deixasse com energicos *schius*, quatro ou cinco espectadores que já conheciam Cinira Polonio saudarem-n'a á sua apparição com uma roda de palmas, fez com que durante todo o 1.º acto, que ella cantou e representou primorosamente elle nem sequer lhe desse um unico applauso; mas a debutante venceu com o seu delicado talento e a sua fina arte todas essas resistencias, e no 2.º acto obrigou esse publico, no principio tão frio, a applaudil-a vivamente e a bisar os trechos que ella cantou, e no fim da opera, tinha conquistado completamente o publico, que lhe fez uma ovação enorme, enthusiastica, uma verdadeira acclamação como rarissimas vezes temos visto fazer em theatros portuguezes.

A distincta actriz brazileira ficou portanto sagrada n'essa noite actriz portugueza e das mais notaveis no seu genero, o que é uma boa fortuna para o theatro da Trindade e para o publico de Lisboa, que tem uma decidida predilecção pelo genero vaudeville e operetta.

Um dos acontecimentos mais importantes d'estes dez dias foram as brilhantes festas em Elvas para solemnisar a visita áquella cidade de Suas Altezas Reaes o Principe D. Carlos, a Princeza D. Amelia, e sua irmã a princeza Helena d'Orleans.

D'essas festas porém não nos occupamos aqui, e os nossos leitores tem d'ellas ampla noticia n'outro logar do OCCIDENTE, que se fez representar n'ellas pelo seu proprietario e director artistico, o nosso presado amigo e collega o sr. Caetano Alberto da Silva.

A esse artigo especial remettemos os nossos leitores que quizerem ter minuciosa informação das brilhantes festas d'Elvas.

Gervasio Lobato.

---

[1] Vid. OCCIDENTE, vol. I pag. 125.
[2] Vid. vol. VIII pag.as 281 e vol. X pag.as 57 e 284.

ANTONIO SOARES DOS REIS

A chronica d'este numero do OCCIDENTE dá aos nossos leitores ampla noticia da morte de Soares dos Reis, o insigne estatuario portuguez, que assim cortou a existencia, que o estado da sua saude lhe tornava penosa.

Por isso não descreveremos aqui a morte violenta que o artista deu a si proprio, e que veio consternar todos os seus amigos, admiradores, o seu paiz, onde o nome de Soares dos Reis era geralmente conhecido e respeitado, como o de um grande artista que fazia a sua gloria.

A vida de Soares dos Reis foi uma vida de verdadeira lucta, desde o primeiro momento em que a arte lhe sorriu com todas as suas glorias até aos ultimos instantes em que pôz termo a essa vida com que não podia.

Não porque lhe faltasse o talento para a arte, mas porque mil contrariedades se levantaram na sua carreira, deram causa á lucta que lhe arruinou a saude e lhe cansou a vida, levando-lhe por muitas vezes ao espirito o desalento e a idéa de abandonar a sua querida arte.

Antonio Soares dos Reis, nasceu na freguezia de S. Christovão de Mafamude, concelho de Villa Nova de Gaya, a 14 de outubro de 1847.

Seu pae, Manuel Soares, era mercieiro estabelecido no Alto da Bandeira, em Villa Nova de Gaya.

Feitos os seus primeiros estudos escolares, Soares dos Reis quiz frequentar a Academia Portuense de Bellas-Artes, o que effectuou em 1861, com grande repugnancia de seu pae, que antes quizera que elle se dedicasse ao seu commercio.

O seu curso academico, foi um curso laureado, em que obteve successivos premios em quasi todos os annos, mas para que nem tudo fossem rozas, os seus estudos fazia os com grandes difficuldades, nos pequenos intervallos de tempo que os afazeres do estabelecimento de seu pae lhe deixavam, e á noite nas horas que roubava ao descanço do corpo.

Estas difficuldades augmentaram sobre modo, quando, em 1867 concorreu ao concurso que a Academia Portuense de Bellas-Artes abriu, para irem estudar ao estrangeiro architectura e esculptura dois pensionistas do estado.

N'este concurso Soares dos Reis foi o unico concorrente de esculptura, sendo approvado.

A difficuldade mais importante estava vencida, mas outra maior se apresentava e era o vencer a resistencia de seu pae, que se oppunha tenazmente a que elle sahisse de casa e fosse para o estrangeiro.

A lucta foi profiada e só as repetidas instancias dos amigos do futuro artista, em que se contavam os seus proprios professores, poderam obter a licença paterna, sendo dos que para isso mais se esforçaram, o distincto pintor Francisco José Rezende.

A 27 de outubro de 1867, Soares dos Reis partiu para Paris a continuar os seus estudos.

Frequentou a Escola de Bellas Artes onde teve por mestres a Jouffroy, Ivon, Taine e Henzel.

Ali a lucta de Soares dos Reis foi enorme, porque a escacez de instrucção que levava do seu paiz, tornavam-lhe aquelles estudos extremamente difficeis, e por vezes o seu temperamento nervoso fazia umas crises desesperadas.

Apesar, porém, d'esta grande lucta, o artista venceu e venceu gloriosamente, pois obteve varios premios, sendo o ultimo, um primeiro premio de 300 francos na exposição dos trabalhos dos alumnos da Escola de Bellas Artes.

A guerra franco-prussiana de 1870, obrigou Soares dos Reis a retirar-se para Portugal, indo depois, em 1871, para Italia completar os seus estudos e demorando-se em Roma até julho de 1872.

Foi ali que elle fez a estatua *O Desterrado* que se acha na Academia Portuense de Bellas-Artes, e que foi premiada com uma primeira medalha na exposição d'Artes de Madrid de 1881, e que lhe valeu ainda o ser agraciado pelo governo hespanhol com o grau de cavalleiro de Carlos III.

Soares dos Reis regressava ao seu paiz tendo completado brilhantemente os seus estudos no estrangeiro, e com o grande cabedal de conhecimentos que trazia, e com o seu forte talento, vinha cheio de fé e de elevadas aspirações fazer arte para Portugal!

Aconteceu-lhe aqui o mesmo que a todos os artistas; teve de sugeitar-se ao meio acanhado e indifferente em que vive a Arte no nosso paiz, e se com esforço e sacrificio produziu algumas obras notaveis que se acham reproduzidas nas paginas do OCCIDENTE, é certo que para ganhar a vida precisou de fazer outras anonymas para a arte industrial, em que o artista tem a maior parte das vezes de se subordinar ás exigencias mais absurdas.

Isto constituiu para Soares dos Reis uma lucta insupportavel, que lhe azedou o espirito, que o entristeceu, que lhe minou a saude delicada, promovendo lhe por mais de uma vez doenças que o collocaram entre a vida e a morte.

O seu espirito, porém, ia triumphando como podia de todas estas vicissitudes, animado pelos amigos que muito lhe queriam, e que procuravam levar á sua alma toda a coragem que ella ia perdendo.

Foi assim que, em 1881, o instigaram a ir ao concurso da cadeira de esculptura da Academia Portuense de Bellas Artes, vaga pela morte do professor Manuel da Fonseca Pinto.

Soares dos Reis obteve a referida cadeira e para logo pensou em reformar o ensino, pondo-o a par dos progressos do tempo e banindo as velherias que julgou atrophiarem o estudo e desenvolvimento dos alumnos.

Para esse fim apresentou em 1886 um projecto de reforma, o qual foi combatido pelo professorado da Academia, que não concordou com as liberdades de ensino que se continham no referido projecto etc.

N'aquella reforma Soares dos Reis só levava em vista melhorar consideravelmente o ensino, ao mesmo tempo que dava aos estudantes que tivessem talento, a garantia de vencerem os estudos em menor espaço de tempo do que o regulamento antigo lhes permettia.

Vê-se aqui a alma do artista desassombrada de pequenas miserias, a querer animar o talento dos

seus discipulos, facilitando-lhe o caminho, que elle aliás tanto teve que desbravar.

A recusa do seu projecto fez com que elle publicasse um opusculo, em que apresentou ao publico esse mesmo projecto e em que expunha as razões que o determinavam.

Convencido, como estava, da justiça da sua causa, intransigente com a rotina, Soares dos Reis não se quedou na tranquillidade da consciencia de ter feito o seu dever, aquella contrariedade ficou-lhe roendo lá dentro e fazendo corpo com as muitas que lhe anuviavam o espirito.

Chegou, ainda não ha muito, a pedir a exoneração de professor academico, pedido que não teve effeito, porque Soares dos Reis não era facilmente substituivel, e os seus amigos não o deixaram persistir n'esta idéa.

O ultimo trabalho concluido por Soares dos Reis foi o busto de Emilia das Neves, e apesar de ser uma boa esculptura, não é comtudo das melhores obras d'arte do esculptor, pelas condições pouco favoraveis em que teve de a executar.

D'ella nos falla em uma carta, respondendo a outra nossa, em que lhe pediamos uma photographia d'aquelle busto.

Essa carta é a seguinte:

Villa Nova de Gaia, 25 de dezembro de 1888.

amigo

Antes de mais nada agradeço-lhe o interesse que lhe merece a minha pessoa e os meus trabalhos artisticos, não podendo comtudo consentir sem protesto que o busto de E. das Neves seja classificado de magnifico, em vista das condições especiaes que se deram durante a sua execução e particularmente quando se tratou de o modelar por photographias todas differentes umas das outras e de todos os tamanhos.

O que eu não tenho, para o servir, é uma só photographia do dito busto, porque não se fez nenhuma e nem sequer fiquei com um *croquis* para agora o servir.

No entretanto julgo que não será muito difficil obter permissão para o photographar, consentindo eu da melhor vontade se o meu consentimento fôr indispensavel.

Desculpando-me da demora na resposta á sua estimada carta com referencia a este assumpto muito agradecido lhe ficará o

Seu amigo, etc.
A. Soares dos Reis.

Eis resumida em breves traços a vida do grande artista, cuja morte pranteamos.

São simples notas, parte das quaes respigadas na biographia publicada ha tempos no Occidente, escripta pelo nosso bom amigo Manuel Maria Rodrigues, redactor do *Commercio do Porto*, e que julgamos opportuno publicar aqui, no momento em que o desditoso artista nos impõe a triste homenagem que o Occidente hoje lhe presta.

Caetano Alberto.

OITAVO SALÃO

Porque desertassem est'anno, de proposito ou por acaso, certos artistas dispensaveis e outros de graúda marca, distrahidos pela suave preguiça emolliente, aconselhados esquerdamente por caprichos insondaveis, ou entretidos com tarefas absorventes, appareceu parcamente abastecida a oitava exposição do Grupo, — que merece a valer uma lettra maiuscula pela usança pertinaz de familiarisar o bom publico desconfiado, avêsso e timorato, com os seus voluntarios e independentes concursos, levados a cabo com regularidade, dentro de prasos conhecidos.

Cada vez mais me quer parecer, com effeito, que esta insistencia proveitosa vae tomando o caracter d'uma surrateira obra de misericordia, educativa e civilisante; visto que por ahi as gentes vagabundas mal sabem ainda que a arte, com as suas multiformes evocações plasticas ou suggestivas, allia-se com a infinita abstracção da litteratura e com a universalidade complexa da sciencia para formar uma especie d'atmosphera intellectual, que se purifica n'uma claridade estellar, bem acima do turvo ambiente miasmado pela ebulição dos interesses rasteiros, aviventando e consolidando para sempre o patrimonio supremo de qualquer povo harmonicamente organisado, como a honra, o valor, e a justiça constituem atravez dos seculos a força moral da humanidade.

Apesar de pouco numerosos, porém, eram d'uma variedade escolhida os trabalhos de pintura e de estatuaria, exhibidos n'este nosso moderado salão em miniatura; e bastavam, sem duvida, para que o visitante amavel, desprovido d'exigencias mais imaginosas do que racionaes, passasse entre elles alguma hora de satisfação, sentindo o conforto intimo que se experimenta em meio d'uma galante companhia espiritual. O proprio Silva Porto, raramente esquecido do seu brilhante mister, e procurando todos os annos reconquistar, com um reforço d'actividade desenvolvido durante o estreito espaço das férias, o tempo malbaratado na sua labuta forçada de professor, não se apresentou agora senão com uma collecção limitada de pequenos quadros; mas talvez nunca o temperamento vibratil do apaixonado e confirmado naturista se patenteasse d'um modo tão egual e tão perfeito, como n'estas novas obrinhas, primorosas e preciosas, que julgariamos feitas sem uma hesitação de toque, sem uma pressa, nem um descuido, concebidas ao sol com prazer, e acabadas com um gosto inimitavel.

Deparam-se os principaes generos, tratados vezeiramente por Silva Porto. Uma nedia vacca leiteira, tintada de malhas negras, e tão guarnecida de carnes, na sua corpulencia ancha, que a pelle distendida e lustrosa arredonda-se sobre a forte armadura ossea, vem pisando o rastolho do primeiro plano, na *Volta para a arribana*; com a cabeça descahida, abocanha ainda umas hervas tenras, emquanto que a robusta rapariga, que a acompanha pacientemente, com um molho de verdes cannas debaixo d'um braço, um lenço amarellento atado em capuz e todo o peito ensanguentado por outro lenço largo, estaca e espera, segurando a corda presa n'uma ponta do pacifico ruminante; como fundo, entrevê-se um casario baixo, alvejado de cal, para além dos choupos magros, esguios e retorcidos pelas ventanias arrasantes das planicies, perfilados contra o ceu em vultos virgulados e em curvas de fouces ramosas. Tambem na *Volta do mercado* apparecem dois rijos animaes orelhudos, dois burricos albardados e carregados com cestos ou ceirões pendentes, surprehendidos no seu movimento de trote miudo, no longo d'um caminho pedregoso; montada co submisso rocim da frente, uma moçoila corada sorri d'alegria, sob a torreira dardejante d'um dia de verão, importando-se pouco talvez com a pobre saloia que avança a pé, ao lado do burro truzeiro, munida para a marcha com as enormes botas de couro terrento; nos vallados cobertos de hervagem, as piteiras espadanam as suas grossas laminas pardacentas, immoveis no ar quente, como feixes de sabres foscos sahidos do solo; e a charneca secca, onde cardumes de insectos regalados com o calôr se esquecem de zunir continuamente, estende-se sem arvoredo, branqueada escaldada de luz. Depois, são mais quatro paizagens caracteristicas dos arredores da capital, com figurinhas indicadas em simples manchas proporcionadas e expressivas, que põem a animação do trabalho n'esses tratos de campo suburbano, tocados d'um cunho inconfundivel, faiscados e mordidos pelas soalheiras aceradas do sul, e d'entre os quaes sobresáe, na concisão fiel d'uma documentação de localidade, o estudo da *Estrada de Santo Eloy*, com as suas casas d'um aspecto conventual a uma banda e, defronte, um agrupamento d'altas oliveiras empoadas.

Mas, no Caminho da ceara, ostenta-se a frescura verdejante e ensombrada d'um pedaço da terra minhota, da gorda terra plantureosa, abeberada d'agua das fontes e das nuvens, da terra fecunda, que faz correr a vitalidade das seivas no desabrochamento risonho e facil das vegetações. Sobranceiros ao carreiro, que os intervalla ao centro, desimpedido e arenoso, os olmeiros enfileirados em grandes sebes productivas, por onde as vides se enroscam e trepam caprichosamente, enchem a tela, escondendo o ceu e os milharaes do chão com os seus tapumes espessos de folhagem, cuja massa illuminada ou umbrosa se define n'um accentuado effeito de claro-escuro; e, por baixo, passa uma bôa mulher, com um fedelho ao collo, vestindo o seu costume sujo de trabalhadeira. No plano dianteiro da *Ponte velha*, tomada nas Caldas das Taipas, á borda das aguas lisas em que o azul se reflecte e esbate, a intensa verdura das arvores crescidas á vontade, sob o relento amigo do riacho, espaneja-se aos primeiros raios do sol, orvalhada e viçosa, na doçura d'uma manhã serena de setembro; a arcaria denticulada da ponte corta a paizagem ao meio, desenrolando o seu duro listão alvacento; emquanto que, ao longe, um nevoeiro leve esfuma-se nos ares, velando na sua gaze translucida as lombadas das montanhas, que fecham o horisonte com uma barreira negrejante. Entretanto, na *Praia dos pescadores*, na soberba fimbria de littoral que a Povoa de Varzim tem generosamente emprestado para varias obras d'arte pittorescas, entra n'um recanto o oceano, manso e glauco, quebrado em orlas sabonosas e em franjas d'espuma; ao fundo, desenha-se uma linha nitida de predios modestos de villa, reunidos n'uma camaradagem de muros neutros, em que não se exerceram as serapintadôras habilidades dos trolhas; sobre o areal salinado, batido pela ardencia estival da luz, alguns barcos descansam; e um garôto estira-se ao comprido, refestelado de papo abaixo, dormitando emquanto não o chamam para um embarque ou para a faina de uma descarga de peixe, perto da pesada prôa d'um poveiro, cujo costado vermelho destaca e avulta com um relêvo extraordinario.

E, em todos estes quadros, não se admira sómente a harmonia da entoação, a certeza da côr, a interpretação impressionante de cada assumpto, e a solida precisão da factura; sente-se ao mesmo tempo que o artista, installado e recolhido perante um episodio embriagante do mundo, tem a percepção do estremecimento universal da vida, que se agita nos espaços e palpita em torno das cousas; e como sabe exprimir, atravez do manejo material das tintas, a sua communicativa emoção, imposta por aquella exquisitice organica a que os ideologos abolidos davam o bonito nome d'alma, as suas paizagens surgem-nos á vista latejantes e pulsantes de verdade, lembram fragmentos desaggregados da natureza, magicamente reduzidos e entalados no encaixilhamento diminuto das molduras. D'anno para anno, a accumulação lenta e valida da obra de Silva Porto vae affirmando poderosamente que, pelas suas qualidades conjugadas de comprehensão e de producção, elle é bem o mestre talhado para influenciar uma epoca ou uma fase da pintura.

O quadro mór da exposição, *A sahida da missa*, foi apresentado pelo Vaz. O titulo enuncia apenas um incidente fortuito, aproveitado como elemento d'acção e d'interesse, porque o motivo fundamental da ampla téla compõe-se d'uma fachada do convento de Jesus, em Setubal; o seu defeito d'origem, mesmo, consiste na monotonia branca d'essa longa muralha caiada, que um portal manuelino esburaca, abrindo-se para a profundidade obscura do interior, no momento em que despeja uma acotovellada multidão de devotos. O magote de burguezes e pescadôres que sahem em socego, trajando as suas roupas limpas, na compostura humilde de quem acaba de cumprir um preceito agradavel e traz o coração echoado e afagado pelo latim da missinha, está observado com felicidade, no seu conjuncto, e na apparencia da sua marcha placida; mas o desenho da beata comadre barriguda, que se abriga debaixo d'um guarda-chuva fusco, do sachristão desequilibrado que faz o peditorio, enfeitado d'uma opa escarlate, parecendo esculpturado em marfim, e d'outras pessoinhas isoladas, accusa-se por uma incorrecção evidente. A parte architectonica, estudada com um rigor demorado e competente, desdobra-se n'uma simplicidade de monumento empobrecido; e, á direita, escôa-se no effeito graduado da perspectiva, estabelecendo um vacuo em que o ar livre circula, visivelmente. E ha detalhes admiraveis, notados com uma fluente elegancia de pincelada, — desde as arvores quasi nuas, cujas folhas cahidas espalham pelo adro a assignatura volante do outono, emquanto as denegridas ramarias, listradas de sombras pelo sol matinal, projectam na parede do templo arabescos macabros, cabriolas de diabos esfarrapados, e vagas caricaturas de clerigos, sobrecarregados com chapeus dombazilianos; até aos lavores floreados do portico antigo, com a sua escanchada ogiva, os seus columnellos em ruina, e os nichos alpendrados de baldaquinos, d'onde fugiram as bentas imagens adoradas outr'ora por gerações successivas de crentes.

Diante da magnifica marinha *A Papôa* não contenho o intento, que o precedente quadro já me provocou, de classificar uma aptidão especial do Vaz, e applico-lhe o ajustado rotulo de *aerista*, contribuindo com este epitheto futil para augmentar a serie de termos barbarescos, com que é de uso differenciar as feições e as tendencias individuaes dos pintores. As esboroadas rochas da costa, esverdeadas pelas algas e amarellecidas no topo, arqueiam-se no arreganho d'uma maxilla colossal, explicando com o seu desvão d'abysmo, prompto a devorar barcos e homens perdidos pelos vendavaes e pelas cerrações, a alcunha sinistra com que a baptisaram; semelhante a uma renda esgarçada, uma pequena onda desfaz-se contra a base d'um cachôpo; e, sob a transparencia da abobada clara, o mar calmo e deserto, d'um tom opaco de turqueza, como se conservasse concentrado todo o azul denso dos ceus d'abril na sua immensidade, alarga-se para lá n'uma extensão desafogada e realmente arejada. Embora o accidentado perfil da cidade de Santarem lhe proporcione

EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO «GRUPO LEÃO»

BOTAO DE ROZA, busto em marmore de Teixeira Lopes

NA VOLTA DO MERCADO, Quadro de Silva Porto pertencente ao sr. Abel Accacio

SANTA CLARA, Santarem Quadro de J. Vaz

(Desenhos de Luciano Freire)

um bello recheio decorativo, o estudo crepuscular do *Sol posto* filia-se, acolytado pelo quadrinho sorumbatico da *Eira*, n'uma segunda maneira indecisa e rebuscada, atrazadamente convencional, que o Vaz cultiva decerto nas occasiões de mau humor.

Uma prova de progresso da nossa pintura moderna demonstra-se no apparecimento de capacidades diversas, que não se atropellam umas ás outras, desastradamente, na mesma orientação esterilisante, — tendo o sufficiente senso para seguir cada qual seu rumo, — e cuja vagarosa ramificação vae conformando uma authentica escola portugueza, na consubstanciação total dos esforços que se multiplicam, assim como o bracejamento periodico dos troncos, das pernadas, dos esgalhos, e das vergonteas levanta e enverga pouco a pouco uma arvore fructuosa. D'esta vez, Antonio Ramalho contentou-se em mostrar n'um exemplar solitario a expcional delicadeza da sua execução porfiada de colorista, retocada com firmes requintes de minuciosidade e d'acabamento, que despertam uma sensação d'encanto. Refiro-me ao *retrato* do meu confrade Abel Accacio, principescamente revestido com a sua cabaia de rico estofo, brochado de seda e ouro, em grande pontifical de collecionador d'objectos bizarros, produzidos pelo exotismo da original civilisação japoneza; sentado, o nervoso artista da prosa vira-se para a frente, banhado n'uma discreta luz caseira, e apparenta o gesto um pouco estacado de tirar alguem, que desviasse a sua attenção do album pousado sobre o joelho; por traz, dispõe-se como n'uma aureola um parasol aloirado e primaverisado de florinhas soltas; emergindo da bocca d'um grosso pote, com o bojo semeado de borrões azues, um bonifrate jocoso inclina-se em attitude de prégador; e, na parede, pendem dois pratos raros, emquanto que uma donzella da côr do arroz, dotada d'um nome de rosa, arripia as finas sobrancelhas e pisca os olhitos cerzidos, na tira exigua d'um painel.

A um poeta pinturista das cercanias de Yeddo, afeito a tingir poentes sanguineos, com revoadas de cegonhas desabando de gasnetes para baixo, este recatado canto de bazar serviria para uma fukosa de colorações estrillantes e desgarradas; educado na methodisação da velha arte do occidente, o Ramalho limitou-se a fundir n'uma toada scintillante a garridice das côres variegadas, apotheosando, de relance, os artefactos elevados á decima potencia do apreço pela incessante procura dos amadores, — n'estes curiosos tempos em que a gente, como se houvesse chegado ás vesperas d'uma crise tremenda do planeta, padece uma avidez de possuir e gosar as cousas do passado, do presente, e do futuro, as cousas remotas e estranhas, ou as cousas adevinhadas. O desenho da cabeça erguida, as prégas e as ramagens da sumptuosa tunica, os menores detalhes do seu retabulosinho são feitos, em absoluto, com uma egualdade singular; desconfio, porém, de que as frescas faces avelludadas do retratado me encobrem a mascara amachucada, que o pensamento amolda á cara de todo o joalheiro ou operario d'ideas; e observo que os olhos reluzentes e pestanudos, fendidos n'um lineamento d'amendoa, as rutilas pupillas em que se distingue até uma tenuissima gradação acastanhada, não esclarecem d'expressão toda a physionomia, ficam-se na exactidão do aspecto exteriorisador, em vez de se abrirem como oculos magneticos para a intimidade do individuo. Afinal, a inconveniencia dos pormenores muito evidenciados está em que se corre o risco de perder a vivacidade e a unidade do effeito.

(Continúa)

Monteiro Ramalho.

EXPOSIÇÃO DE VINHOS PORTUGUEZES EM BERLIM

A SALA DO WAAREN BÖRSE EM QUE SE REALISOU A EXPOSIÇÃO, (2.ª VISTA)

(Segundo photographia de Paulo Lesse)

A EXPOSIÇÃO DE VINHOS PORTUGUEZES EM BERLIM

(Concluido do n.º 365)

Os expositores de vinhos premiados são os seguintes:

Na 1.ª região agronomica, *D'Entre Douro e Minho* com o *1.º premio* os srs. Pedro José de Sousa e Brito, de Arcos de Val de Vez; Manuel Pedro Guedes, de Penafiel; José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes, Amarante; Sub-commissão da exposição portugueza, do Porto.

Com o *2.º premio*: vinte e dois expositores dos concelhos de Melgaço, Monção, Arcos de Val de Vez, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Braga, Fafe, Santo Thyrso, Villa Nova de Famalicão, Amarante, Cabeceiras de Basto, Marco de Canavezes e Gondomar.

Com o *3.º premio*: Trinta e tres expositores dos concelhos de Caminha, Monção, Vianna do Castello, Barcellos, Braga, Fafe, Guimarães, Paredes, Santo Thyrso, Villa Verde, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Marco de Canavezes Baião e Gondomar.

Na 2.ª região agronomica, *Transmontana ou terra fria*, só obteve o *1.º premio* o sr. Albino Fernandes Pereira, de Ribeira da Pena. Com o *2.º premio* foram contemplados seis expositores dos concelhos de Ribeira da Pena, Mondim de Basto, Villa Real e Murça. Com o *3.º premio* dezesete expositores dos concelhos de Ribeira da Pena, Mondim de Basto, Villa Real, Murça, Bragança, Macedo de Cavalleiros e Mirandella.

Na 3.ª região, *Duriense ou terra quente*, 1.º premio os srs. Alfredo Carlos Infante Pessanha, A. C. Correia Pinto de Lemos, Antonio da Costa Gouveia e Cunha do concelho de Peso da Regoa; L. A. da Silva Pereira, do de Santa Martha de Penaguião; B. A. da Rocha Souza, do de Alijó; J. A. Gonsalves Serodio, Visconde de Villarinho, de Sabrosa; F. Cardoso Valente, do Carrazeda de Anciães; Guerra Junqueiro, de Freixo de Espada á Cinta, Manuel Duarte Guimarães Pestana, Miguel Moreira da Fonseca, Bernardo da Silveira Pinto, Cesar Augusto de Abreu Mascarenhas, de Lamego; Luiz Vicente Gomes de Souza, Wiese de Krohn, W. C. Tait & C.ª, e a sub-commissão portugueza do Porto.

Premio de honra aos srs. Sebastião d'Almeida Guerra, de Freixo de Espada á Cinta; conde de Alpendurada, de Lamego; Antonio da Rocha Leão, J. W. Burmester, Liga dos lavradores do Douro e visconde de Villar d'Allen. Coube o *2.º premio* a sete expositores dos concelhos de Peso da Regoa,

Alijó, Sabrosa, Resende e Porto. O 3.º premio a quatorze expositores dos concelhos de Peso da Regoa, S.ta Martha de Penaguião, Carrazeda de Anciães, Moncorvo, Villa Flôr, Pesqueira, Armamar, Lamego, Mondim da Beira e Porto.

O *premio de honra*, consiste em duas medalhas de ouro, offerecidas pela sociedade central de geographia commercial de Berlim promotora dos interesses allemães no estrangeiro; uma taça offerecida pelo dr. Jannasch, Presidente da sociedade de geographia commercial de Berlim e director do Export-bank; duas taças pelo sr. Asche, conselheiro intimo do commercio e negociante em Hamburgo; dois jarros pelo sr. Schlieben, negociante de vinhos em Berlim; um calix de prata pelo sr. Hugo Damen negociante de vinhos; um album pela sociedade dos officiaes do exercito allemão; duas taças pela sociedade dos destilladores, uma medalha de ouro e tres de prata, offerecidas pela sociedade dos donos de hoteis e restaurantes.

Na 4.ª região, *litoral;* 1.º *premio:* o sr. Albano Coutinho, do concelho de Anadia. 2.º *premio* a nove expositores dos concelhos de Castello de Paiva, Cantanhede, Mealhada, Figueira da Foz, Penacova, Alcobaça e Obidos. 3.º *premio* a oito dos concelhos de Castello de Paiva, Anadia, Oliveira do Bairro, Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz, Penacova e Leiria.

Na 5.ª região, *montanhosa;* 1.º *premio* aos srs. Antonio d'Abreu da Gama e João Ferreira Dias do concelho de Nellas; Manuel A. da Costa do de Vizeu e á sub-commissão. 2.º *premio* a quinze expositores dos concelhos de Tondella, Nellas, Mangualde, Penalva do Castello, Fornos de Algodres e Trancoso. 3.º *premio* a vinte dos de S. Pedro do Sul, Vouzella, Carregal do Sal, Tondella, Nellas, Mangualde, Penalva do Castello, Fornos de Algodres, Celorico da Beira, Gouveia, Trancoso e Pinhel.

Na 6.ª região, *este central;* 2.º *premio*, a dois expositores de Idanha a Nova e Portalegre. 3.º *premio*, a quatro dos concelhos de Idanha a Nova, Penamacor, Niza e Monforte.

Na 7.ª região, *oeste central;* 1.º *premio* e *premio de honra* os srs. José Augusto Pereira Pato Moniz, de Sobral de Montagraço; Francisco Joaquim da Costa e Silva, de Cintra; Joaquim Rasteiro Junior, de Setubal. 1.º *premio*, Domingos Dias Pereira, de Carcavellos; João Carlos de Azevedo, de Loures; Conde do Paço do Lumiar, de Cartaxo; Domingos Affonso, de Almada, e José M. da Fonseca, successores, de Setubal. 2.º *premio* a oito expositores dos concelhos de Torres Vedras, Sobral de Montagraço, Cintra, Loures, Cartaxo, Santarem, Almada e Setubal. 3.º *premio* a quinze expositores dos de Lourinhã, Torres Vedras, Mafra, Sobral de Montagraço, Azambuja, Cartaxo, Santarem, Almeirim e Benavente.

Na 8.ª região, *sueste; Premio de honra.* 1.º *premio* o sr. visconde da Ribera Brava, da Vidigueira;—1.º *premio*, Sebastião Alvarez, de Borba. 2.º *premio* a sete expositores dos concelhos de Evora, Cuba, Beja e Aljustrel. 3.º *premio* aos sete dos concelhos de Evora, Redondo, Reguengos, Cuba, Beja e Ferreira.

Na 9.ª região, *sul;* 1.º *premio* ao sr. Joaquim Antonio Fonseca, de Olhão. 2.º *premio* a quatro expositores dos concelhos de Faro, Lagôa, Olhão e Silves. 3.º *premio* a quatro dos de Villa Nova de Portimão e Silves.

E, finalmente, na 10.ª região agronomica, ou *Madeirense* obteve no 1.º grupo (vinhos) o 1.º premio, Placido & Irmão.

No 2.º grupo (photographias) tiveram o 1.º premio a Direcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro, e Emilio Biel do Porto.

No 3.º grupo (publicações) tiveram o 1.º premio — *Technologia rural, Relatorio sobre os processos de vinificação*, o *Douro Illustrado* e *Memorias sobre os vinhos de Portugal*. O premio de honra, coube ás *Conferencias sobre vinhos portuguezes* do sr. visconde de Villarinho. O 2.º premio á *Collecção do agricultor do norte de Portugal* e ao *Jornal de Agricultura*.

No 4.º grupo (publicações officiaes) 1.º premio ao *Annuario Estatistico de Portugal* da Repartição de estatistica geral do ministerio das obras publicas, commercio e industria; e as diversas publicações e *Planta do Monte das Flores*, em Evora, do sr. Francisco Simões Margiochi. Ao sr. Gerardo Pery foi unanimemente votado, *fóra do concurso*, como homenagem da Commissão ao notavel trabalho do benemerito escriptor, um *Premio de honra* aos seus livros *Estatisticas e Cartas agricolas* e *Statistique du Portugal*.

Foi este o resultado da exposição portugueza em Berlim. E a segurança do seu exito fiamol-a dos nossos agricultores e commerciantes.

Devemos felicitar-nos pelo modo como a Allemanha abrio uma nova fonte ao nosso commercio agricola, e pela maneira como os nossos industriaes e agricultores corresponderam ao appello do governo portuguez.

M. B.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. JOÃO MARIA PEREIRA DO AMARAL E PIMENTEL, BISPO DE ANGRA

A ultima mala dos Açores trouxe a noticia da morte de D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, bispo de Angra, occorrida no dia 27 de janeiro findo, em Angra do Heroismo.

Varão de raras virtudes e de provada intelligencia a sua morte foi devéras sentida pelos açorianos que o veneravam como a um pae bom e dedicado ao bem estar de seus filhos, e toda a imprensa açoriana lhe tece os mais justos louvores.

E quando esta falta é tão sentida pelo povo, muito mais o é pela egreja lusitana, que n'elle perdeu um dos seus membros mais exemplares, um dos seus ornamentos mais distinctos e prestantes.

Nasceu D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel aos 21 de julho de 1815, na villa de Oleiros, cabeça do concelho do mesmo nome e antigo priorado do Crato hoje annexo ao patriarchado.

Era filho do sargento-mór Francisco Antonio Pereira Barata e de D. Maria Eugenia Marques do Amaral e Pimentel.

Ainda muito novo perdeu seu pae, ficando sua familia em precarias circumstancias que mal lhe permittiam occorrer ás despezas dos primeiros estudos, tomou-o então, sob a sua tutela fr. Simeão José Botelho Dourado e Pimentel, professo da ordem de Malta e irmão de seu avô materno, o qual dirigia a sua primeira educação litteraria. Este novo protector, porém morreu e o pequeno João viu-se quasi desamparado.

Aos 16 annos entrou para o seminario de Sernache onde principiou os estudos ecclesiasticos com grande aproveitamento, que infelizmente não poude continuar, em consequencia do decreto de 1834 que extinguio as ordens religiosas, sendo aquelle seminario incluido n'esta lei.

O joven estudante voltou então para a sua terra natal e ali teve que procurar meios para viver empregando-se em recebedor do concelho e escrivão da camara, o que desempenhou com muito acerto e zelo.

Não esmoreciam, porém, n'elle os desejos de servir a religião e todas as suas aspirações se resumiam na vida ecclesiastica. N'este empenho pensou em frequentar a universidade de Coimbra, para o que lhe faltavam os meios apesar de lhe sobrar a vontade.

Mas raro exemplo do que póde a força de vontade nos da João Pereira n'esta conjectura, e servindo-se dos conhecimentos borucraticos que já tinha, foi para Coimbra solicitar um emprego no governo civil e ao mesmo tempo matricular-se na universidade.

Conseguiu uma e outra cousa, e assim obteve o pão do corpo com que precisava adequirir o pão do espirito.

O seu curso na universidade foi dos mais laureados e logo que o concluiu, foi chamado pelo bispo de Bragança D. Joaquim Pereira Ferraz, para seu secretario, ordenando-o o referido bispo a 8 de maio de 1850.

A maneira como se desempenhou d'esta importante commissão está acima de todo o louvor.

A sua conducta exemplar, o seu amor da justiça e da ordem, o zelo pela egreja e pela morigeração do clero, a sua caridade e bom conselho, mereceram-lhe as sympathias dos diocesanos e a confiança dos superiores, de modo que em 1852, tendo de se ausentar da diocese o bispo para tratar da sua saude, deixou o seu secretario á testa do bispado, cargo que desempenhou até 1854, anno em que foi nomeado novo bispo para Bragança D. Manuel José de Lemos, em consequencia do bispo D. Joaquim Pereira Ferraz ter passado para a diocese de Leiria.

Em 7 de dezembro de 1854 foi nomeado deão do cabido da sé de Leiria e no 1.º de janeiro de 1855 começou a exercer de novo o cargo de secretario do bispo, sendo nomeado por provisão de 3 do mesmo mez vigario geral.

A sua estada aqui não foi menos sympathica e proveitosa para a diocese do que o fôra em Bragança, e um pouco mais folgado dos deveres de seus cargos, poude entregar-se aos estudos oratorios, ensaiando no pulpito alguns sermões que eram escutados com interesse e prazer, sendo modelos de doutrina e de eloquencia. Parte d'estes sermões foram impressos e o producto da venda aplicado a beneficio da ordem terceira de Leiria.

Não continuou as suas pregações no pulpito, porque a debilidade da sua saude lh'o não permittiu.

Por esta epoca, 1857, foi João Pereira nomeado socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e por decreto de 10 de junho de 1858, foi nomeado vogal effectivo do concelho do districto.

Por sua livre vontade abriu no seminario de Leiria um curso triennal que regeu, o qual se compunha de—educação religiosa e civil—liturgia theorica e pratica, eloquencia sagrada e exercicios de declamação.

Publicou n'este tempo um livro *Sciencia da civilisação.*

Em 1862 foi nomeado desembargador da relação ecclesiastica, e por decreto de 9 de maio de 1865 apresentado bispo de Macau, logar que não chegou a tomar posse, pela recusa do governo em receber as bullas da confirmação com restricta jurisdicção ao novo bispo só á cidade de Macau.

Esta questão durou algum tempo e com ella teve bastante desgosto o novo bispo, emquanto, porém, aplanavam as dificuldades levantadas, foi D. João Pereira nomeado superior do collegio das missões ultramarinas, estabelecido no antigo seminario de Sernache.

Foram relevantes os serviços que prestou a esta instituição, pois não só organisou o ensino n'este collegio, como promoveu o alargamento do edificio dirigindo as obras com acerto e zelo admiraveis.

Foi curta a sua direcção pois se limitou desde os annos de 1865 a 1870, em que, depois de largas contendas por causa da sua apresentação a bispo de Macau, annuiu a acceitar a transferencia para a diocese de Angra.

A sua sagração teve logar a 28 de abril de 1872, na egreja do seminario de Sernache, sendo sagrante o bispo de Bragança, D. José Luiz Alves Feijó e assistentes os bispos de Angola D. Joaquim e D. Thomaz.

O seu governo nos Açores foi dos melhores que ali tem havido. Sem se envolver na politica e só cuidando do bem do seu rebanho, promoveu-lhe tantos beneficios espirituaes como temporaes, pugnando pelo ensino e dando os mais salutares exemplos de sã moral.

As suas pastoraes são modelos de boa doutrina christã e de bom conselho.

Promoveu importantes obras no paço episcopal e seminario. Offereceu varios paramentos e alfaias á Sé que estava muito desprovida, emfim trabalhou pela conservação e augmento das egrejas da sua diocese quanto em suas forças coube.

Estabeleceu no paço uma typographia onde imprimia as suas obras e o *Boletim do Governo Ecclesiastico* publicação que fundou, etc.

Morreu com pouco mais de 73 annos tendo a gloria de conquistar palmo a palmo a alta posição a que chegou, e de deixar apoz si os louvores dos povos que governou que bemdizem a sua memoria.

VISITA DE SS. AA. OS DUQUES DE BRAGANÇA Á CIDADE D'ELVAS

I

A grandeza e alta significação da festa a que acabamos de assistir na gloriosa cidade d'Elvas, não se póde memorar no estreito limite d'uma noticia da nossa *Resenha*, como tambem não poderemos dar, n'este desataviado artigo, uma descripção que tenha todo o colorido e todo o enthusiasmo que animou essa deslumbrante festa popular offerecida a um principe.

E chamamos-lhe festa popular, porque n'ella não interveio o poder official, mas unicamente a vontade livre e expontanea de um povo, que assim quiz affirmar publica e ruidosamente a sua grande dedicação á familia real portugueza, e provar as forças de que dispõem originadas no trabalho, na riqueza da sua agricultura, a industria por excellencia que sobreleva a provincia do Alemtejo a todas as provincias de Portugal.

Pouco affeita aos favores com que os poderes publicos tem beneficiado outras terras das nossas provincias, Elvas tem vivido das suas proprias

forças, e isso comprehende-se bem depois de conhecermos a riqueza da sua agricultura, mesmo no momento em que esta se acha assoberbada pela concorrencia estrangeira, que lhe deprecia uma boa parte dos seus productos.

Elvas tem sido uma filha bastarda do governo central, cuja a acção só ali tem chegado para a despojar de regalias e direitos que o valor de seus filhos souberam conquistar, tanto com as armas contra as repetidas investidas de Castella, como nas luctas do trabalho que lhe vallem a vida propria que tem, forte e independente.

É n'estas condições que Elvas se ergue cheia de fé e de enthusiasmo para saudar um principe portuguez, o herdeiro da corôa, que ella foi das primeiras a collocar sobre a cabeça de D. João IV, quando d'um extremo ao outro do paiz resoou o grito de independencia do jugo das Hespanhas: e leal, generosa, cheia de patriotismo e de amor as instituições livres que tanto ajudou a conquistar, recebe no seu seio o futuro rei de Portugal e sua esposa, prodigalisando-lhe os mais sinceros affectos de corações portuguezes.

Salvé, povo elvense, que assim vindes affirmar no presente o que a historia do passado vos não póde negar, e o heroismo com que em outras epochas defendestes por tantas vezes a independencia da patria, revive hoje na festa do trabalho com que revelastes a vossa opulencia.

Se não é preciso que as vossas armas vencedoras brilhem irrequietas sob o sol esplendoroso da patria de D. Sancho Manoel, quizestes mostrar que outras são hoje as vossas conquistas, e fizestes desfilar nos vossos vastos plainos, onde outr'ora se feriram tantas batalhas, as hostes trabalhadoras, pacificas e alegres, o grande arsenal da vossa lavoura, as colheitas do vosso trabalho syntetisadas n'aquellas graciosas pyramides ambulantes que o sol festivo doirava, os vossos fartos rebanhos, e a poesia dos vossos campos n'aquelles cantares pastoris das aldeãs de Santa Eulalia, Barbacena e outras.

Uma festa originalissima, portuguesissima, que o vosso patriotismo vos suggeriu, a provar que sem reflexos do estrangeiro tambem Portugal póde ter as suas festas caracteristicas, nacionaes, que affirmem a sua individualidade.

* * *

Partimos de Lisboa pouco bem impressionados pelo que aqui nos diziam d'Elvas. O nosso excellente amigo Jayme da Costa Pinto, conseguira arrancar nos da nossa vida sedentaria e resolvernos a irmos presencear o cortejo agricola que alli se ia realisar em honra dos duques de Bragança, descrevendo nos com aquelle enthusiasmo e fé no engrandecimento da patria, que tanto o honram, a magnificencia da festa que se preparava e que elle ajudava com verdadeira dedicação.

As suas palavras animaram nos, e lá fomos com o nosso album colher alguns desenhos da festa para o OCCIDENTE,[1] partindo de Lisboa ás 7 horas da noite de 14.

Da estação de Santa Apolonia á estação d'Elvas são 11 horas de caminho de ferro, que passamos agradavelmente tendo por companheiros, no compartimento da nossa carruagem, o sr. conde de Tarouca, official ás ordens de Sua Magestade El Rei, e Augusto Lobato, o *reporter* mais devotado á sua missão que conhecemos.

A conversação animada mal nos deixou chegar o somno ahi pelas duas horas da noite, e quando nos preparavamos para o doce repouso até Elvas, foi o nosso compartimento invadido por um rotundo capitão com a sua familia e o seu catharro, e não houve mais dormir.

A's 5 horas e meia chegamos á estação d'Elvas e tomamos logar n'um *char à bancs* para nos conduzir á cidade, que fica distante uns tres kilometros. No *char à bancs* encontrámos Gouveia Pinto, *reporter* da *Gazeta de Portugal* e Augusto Loisa *reporter* do *Economista*, que tinham ido no mesmo comboyo.

O sr. conde de Tarouca era esperado por alguns amigos e seguiu em carruagem para a cidade.

Nós dissemos ao cocheiro que nos conduzisse ao hotel do Italiano, o melhor hotel d'Elvas, o que não impede que esteja muito abaixo de qualquer hotel de segunda ordem em Lisboa; mas *per Diu* o italiano faz o que póde e tem ao menos a melhor boa vontade em ser agradavel aos seus hospedes.

Em lá que estava o sr. Jayme da Costa Pinto, e mal soube da nossa chegada veio ao nosso quarto abraçar-nos e dar principio á serie de amabilidades com que nos obsequiou desde a nossa entrada em Elvas até á nossa chegada a Lisboa.

O dia raiava já, frio e nebuloso, caindo uma chuva finissima que mal molhava a terra.

A's 8 horas era a partida para Villa Boim, a ir esperar suas altezas o Principe D. Carlos e a Princeza D. Amelia que vinham de Villa Viçosa.

Para lá partimos, depois de termos feito o nosso *toilette* de gala e de almoçarmos.

Conduziu-nos uma especie de *char à bancs*, unico vehiculo que se póde arranjar á ultima hora.

* * *

Villa Boim é hoje apenas uma povoação de 120 fogos com cerca de 2:000 almas, que dista 15 kilometros d'Elvas, e se encontra na estrada que d'esta cidade vae a Estremoz. Foi fundada por D. João Pires de Aboim homem abastado dos tempos de D. Affonso III e de D. Diniz, de quem tinha as boas graças e privança.

Teve um castello que foi destruido pelos hespanhoes quando D. Luiz d'Haro pôz cerco a Elvas, durante a memoravel batalha das linhas d'Elvas.

A maior parte dos suas propriedades agricolas, e que são muitas, pertencem á Casa de Bragança, taes como as hortas, Charrua de Cima e Charrua de Baixo, Ponte, Magdalena, Monte Velho, Azenha de Pariz, os casaes Novo, Valbom, Valverde, Cavalleira, Teixugo, Serra e as herdades de Atalaya, Castello, Remalha, etc. Ha tambem a herdade da Carnagem pertencente ao sr. Joaquim Marques Pinto.

Muito pittoresca, muito caiada, com as suas casas a alvejarem por entre a verdura dos seus campos e dos seus extensos olivaes, Villa Boim tinha um aspecto animado, vendo-se por todos os outeiros e pelas orlas da estrada agrupado o povo que aguardava, cheio de curiosidade, a passagem dos reaes visitantes.

Na estrada paravam muitos trens que tinham trazido as pessoas que vinham esperar suas altezas, outros que chegavam formavam já uma extensa fila ao longo do caminho. Mais adiante um esquadrão de cavallaria 1 esperava o momento de se encorporar no cortejo.

Achavam-se já ali o presidente da camara municipal sr. Joaquim Nunes da Silva e os vereadores srs. José Antonio Pinheiro Martins, José Maria da Costa, José da Silva Picão, Caetano da Costa e Januario da Silva Ferreira; o governador da praça d'Elvas sr. Domingos José Gomes, general de brigada com o seu estado maior; juiz de direito e delegado, sr. Dr. João Anastacio de Aguiar Pacheco, administrador do concelho e representando o governador civil, Visconde de Alcantara, conde de Tarouca, Falé, vigario geral com seu secretario, commissão dos empregados do commercio, e organisadores das festas sr. Drs. João Henriques Tierno, Joaquim Dias Barroso Junior, Joaquim Guilherme de Vasconcellos, presidente da Associação Agricola, instituição modernamente creada em Elvas, Francisco Domingos Tenorio, vice-presidente, Francisco Lobão Rasquilha, Jayme Arthur da Costa Pinto e esposa, Affonso Botelho, Julio Ferraz, dr. Santa Clara, conselheiro José Liberato Sanches de Miranda, commendador Guerra, Eusebio Nunes, Samuel Baptista, Luiz Leitão, e os representantes da imprensa de Lisboa a que já nos referimos, etc.

A's 10 horas e 45 minutos chegaram suas altezas o principe D. Carlos e princeza D. Amelia, acompanhada de sua irmã a princeza Helena e dos srs. conde e condessa de Seisal, camaristas.

Suas altezas foram recebidas com calorosos vivas, apeando-se o principe D. Carlos para receber os comprimentos.

Depois de curta demora em que se mudaram as parelhas das carruagens reaes, seguiu o cortejo composto de cerca de 40 trens e precedido por uma guarda avançada de cavallaria 1.

Ladeavam as carruagens de suas altezas quatro lavradores a cavallo, fechando o cortejo um esquadrão de cavallaria.

Por todo o caminho o principe e princeza eram saudados pela população, que os aguardava, com expontaneas acclamações em que se traduzia o regosijo d'aquelles povos.

Ao meio dia entrava o cortejo em Elvas pelas portas de Olivença em direcção á Sé, onde se devia cantar um *Te-Deum* para festejar a entrada de suas altezas na cidade.

A cidade é do mais alegre aspecto, com as suas casas muito brancas e as ruas muito aceiadas; das janellas pendiam ricas colchas de Damasco e da India e as bandeiras que se cruzavam de janellas para janellas punham a nota alegre do variegado das suas côres vivas. Em algumas ruas levantavam-se arcos triumphaes, os sinos das egrejas tanjiam alegremente e o sol rompia agora por entre as nuvens que o tinham encoberto, vindo realçar com os seus jorros de luz as gallas que a cidade ostentava para receber os reaes hospedes.

(Continua)

Caetano Alberto.

O ESCARAVELHO DE OURO

CONTO DE EDGAR POE

(Continuado do n.º 361)

Com o mais escrupuloso cuidado o meu amigo implantou uma estaca no sitio onde cahira o escaravelho; depois tirou da algibeira uma fita metrica, atou-a por uma ponta ao tronco que estava mais proximo da estaca, extendeu-a até esta e continuou a desenrolal-a na direcção dada pelos dois pontos, estaca e tronco, á distancia de cincoenta pés. Entretanto Jupiter cortava o matto com a fouce. No ponto marcado pela fita, cravou Legrand uma segunda estaca, que tomou como centro e em torno da qual descreveu toscamente um circulo de cerca de quatro pés de diametro. Então pegou n'uma enxada, deu outra a Jupiter e outra a mim, e pediu-nos que cavassemos o mais depressa que pudessemos.

Francamente, nunca tive grande affeição a este genero de passatempo, e na presente occasião da melhor vontade o teria deixado; porque emfim a noite caminhava e eu sentia-me deveras fatigado pelo exercicio que já tinha feito; mas não achava nenhum meio de me subtrahir a isso e receei perturbar com uma negativa a grande serenidade do meu pobre amigo. Se podesse contar com Jupiter, não hesitaria em levar á força para casa o lunatico; eu tinha toda a certeza de que o velho preto em caso nenhum me auxiliaria contra o seu senhor. Parecia-me que no cerebro de Legrand trotava uma das muitas superstições do Sul relativas a thesouros enterrados e que esta imaginação tinha sido confirmada pelo achado do escaravelho ou talvez pela obstinação de Jupiter em sustentar que era um escaravelho de ouro legitimo. Uma cabeça predisposta á loucura podia muito bem deixar-se levar de semelhante suggestão, sobretudo achando-se ella em perfeito accordo com as suas queridas ideas preconcebidas. Veiu-me á memoria o discurso do pobre moço relativamente ao escaravelho, *indicio da sua fortuna*. Estava deveras incommodado e confuso, mas resolvido emfim a fazer das tripas coração e cavar de boa vontade para convencer prestes o visionario, por uma demonstração ocular, do erro em que laborava.

Accendemos as lanternas e deitámo-nos ao trabalho com uma egualdade e zelo dignos de causa mais racional; e como a luz dava em cheio nas nossas pessoas e utensilios, não pude deixar de pensar que formavamos um grupo bastante pittoresco, e que se alguem por acaso alli apparecesse, tomaria a nossa obra como muito singular e suspeitosa.

Cavámos com alma cerca de duas horas. Falavamos pouco. O principal estorvo era causado pelos ladridos do cão que tomava um interesse extraordinario nos nossos trabalhos; e a tal ponto chegara o desassocego do animal que receámos puzesse em alvoroço os vagabundos das cercanias. Quem mais assustado estava, era Legrand, certamente; pois não deixaria de ser para mim muito agradavel uma interrupção que me permittisse conduzir a casa o pobre moço. O barulho, porém, foi abafado por Jupiter, que, deveras zangado, pulou para fóra da cova, agarrou o cão, atou-lhe o focinho com um suspensorio, e voltou á sua tarefa com uma risada grave.

A excavação feita teria uns cinco pés de fundo, mas nenhum indicio de thesouro se encontrara. Houve um momento de descanso geral, e comecei a nutrir esperanças de que a comedia tocava o seu termo. Todavia Legrand, se bem que muitissimo desanimado, enxugou o suor da fronte com ar pensativo, e pegou novamente na enxada. Descrevia a cova um circulo de quatro pés de diametro; resolvemos alargar-lhe os limites e cavamos mais dois pés. Nada appareceu. O buscador de ouro, de quem eu estava sinceramente compadecido, saltou emfim para fóra da cova, com uma cara em que transparecia o mais amargo

[1] No proximo numero do OCCIDENTE publicaremos alguns desenhos da festa d'Elvas, o que não fazemos n'este numero, por falta de tempo necessario.

desalento, e, vagarosamente e como a seu pesar, vestiu o casaco que despira ao dar começo á sua obra. Da minha parte não houve a menor observação. Jupiter, a um signal do seu senhor, começou a reunir a ferramenta. Feito isto, e desopprimindo-se o focinho ao cão, puzemo-nos a caminho para casa em profundo silencio.

Teriamos dado talvez uma duzia de passos n'essa direcção, quando Legrand, rogando uma praga tremenda, salta sobre Jupiter e agarra-o pelo pescoço. O preto estupefacto abriu os olhos e a bocca em toda a sua extensão, largou as enxadas e cahiu de joelhos.

«Maroto! exclamou Legrand, fazendo sibilar as syllabas por entre os dentes cerrados; negro vil do inferno! falla! responde-me immediatamente e sem rodeios! Qual é, qual é o teu olho esquerdo?

«Perdão, senhor moço! o meu olho esquerdo não é este? rugiu Jupiter aterrado, pondo a mão no orgão *direito* da visão e conservando-a ahi com desesperada pertinacia, como se temesse que o seu senhor lh'o arrancasse.

«Não me enganei, não! Bem o sabia! hurrah! vociferou Legrand fazendo umas poucas de piruetas e cabriolas, com grande assombro do preto que, erguendo-se, passeava o olhar do seu senhor para mim e de mim para o seu senhor, sem dizer palavra.

«Voltemos, é preciso, disse Legrand; a partida não está perdida.

E tomou o caminho do tulipeiro.

«Jupiter, tornou elle, quando chegámos ao pé da arvore; approxima-te! A caveira está pregada com a cara para fóra ou voltada para o ramo?

«A cara está para fóra, senhor moço, de maneira que os corvos poderam comer-lhe os olhos sem custo.

«Bem; então foi por este ou por este que tu metteste o escaravelho? e dizendo isto, Legrand tocava os olhos de Jupiter.

«Por este olho, senhor moço, pelo olho esquerdo, exactamente como me disse. E o pobre preto continuava a indicar o seu olho direito.

«Vamos, vamos, é preciso começar.

Então o meu amigo, com a loucura em que eu já via, ou julgava vêr, certos indicios de methodo, pegou na estaca que marcava o sitio onde cahira o escaravelho, cravou-a tres pollegadas a oeste da sua primeira posição, e atando, como antes o fizera, a fita metrica ao ramo que se achava mais proximo d'aquelle, extendeu-a em linha recta até a distancia de cincoenta pés, e marcou um novo ponto muitas jardas afastado do sitio onde abriramos a cova. Em torno d'este novo centro descreveu um circulo um pouco maior que o primeiro, e em seguida começamos a cavar.

(Continúa) *Francisco de Almeida.*

D. JOÃO MARIA PEREIRA DO AMARAL E PIMENTEL, BISPO DE ANGRA

FALLECIDO EM 27 DE JANEIRO DE 1889

(Segundo uma photographia)

REVISTA POLITICA

Os quatrocentos e quarenta e nove contos tem feito tanta bulha, que mais parecem quatrocentos e quarenta e nove diabos que estavam escondidos no ventre da tal divida *monsa*.

Elles tem rendido muito mais para a politica do que realmente renderam para as algibeiras dos seus verdadeiros donos, que de resto se affirma só os terem recebido em dose homepathica, apesar dos representantes dos credores, por um rasgo da mais requintada generosidade, terem declarado que receberam os quatrocentos e quarenta e nove contos sem lhe faltar um real.

E não sermos nós um dos taes credores para n'este momento estarmos acariciando muito satisfeitos o nosso dinheirinho todo, e dando graças a Deos e ao sr. Marianno por tão generosa mercê.

Mas se nós não damos essas graças outros as estarão dando, ou preparando-se para as dar, porque depois das declarações dos srs. Figueira Freire e Vicente de Castro Guimarães, não é licito duvidar que os credores receberão o seu dinheiro, sem o apregoado desconto de 52 p. c. que os jornaes da opposição tem estampado em grossas letras, no alto dos seus artigos de fundo.

Se isto assim não fôr, os generosos liquidadores poderão experimentar praticamente o proloquio de que: *quem paga e mente na bolsa o sente.*

E são principalmente os 52 p. c. que mais preoccupam agora a opposição, que pôz de parte a legalidade com que se pagou a divida *mense breve*, para sondar por que alçapão se esconderam duzentos e tantos contos que affirma não terem chegado ás mãos dos liquidadores.

É preciso confessar que tudo isto é muito extranho e muito pouco limpo principalmente, e se a nossa missão aqui fosse outra que a de relatar os factos, vêr-nos-hia-mos seriamente embaraçados para n'este momento emittirmos conscienciosamente a nossa opinião, sobre as desastradas consequencias a que o estado actual da politica póde conduzir o paiz.

A probidade dos nossos estadistas tem sido de bom exemplo para os vindouros, mas se essa probidade deixa de ser um facto dos nossos tempos para unicamente ser uma lenda, mal irá á independencia da nossa administração, e não virá longe o dia em que nos encontraremos nas mesmas circumstancias em que se encontra o Egypto.

Para distrahir a attenção publica dos famigerados quatrocentos e quarenta e nove contos, vem novamente á superação as crises do governo, e d'esta vez parece que aija alguma cousa de si, pois diz-se que é caso assente a sahida do sr. ministro das obras publicas e diz-se mais que atraz d'este sahirá o sr. ministro da guerra, o da fazenda, o da justiça e o dr. Camara se lá estivesse, ficando apenas, *sentinella vigilante*, o sr. presidente do conselho e o sr. ministro dos estrangeiros e marinha.

Estes dois srs propõem-se a ser o capote sobre que se hão-de deitar varios remendos, que no bazar politico da situação já se apontam com os nomes de Hossano Garcia, Eduardo José Coelho, João Chrysostomo e Antonio Ennes.

É um ministerio novo n'uma situação velha, que nem ao menos gosará as doçuras da lua de mel concedidas ás situações novas, como aos pequenos collegiaes nos primeiros dias em que entram na escola.

Os horisontes da politica estão de tal modo carregados que, bem se póde dizer que os novos ministros entram em plena borrasca, e tudo faz suppôr que logo que se abra o parlamento, a borrasca se desencadeará em rijo temporal, embora os sellos tenham ido para o fundo do mar e a companhia vinicola do norte tenha passado á historia com o sr. Emygdio Navarro.

Eis caro leitor o que está produzindo a politica do nosso paiz.

O velho liberal de Coimbra tem carradas de rasão. Apertemos todos o nariz e as algibeiras, não lhes parece?

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

MOUTA E VASCONCELLOS. — Falleceu no dia 10 do corrente o sr. Francisco Augusto Florencio Mouta e Vasconcellos, deputado que foi da nação e par electivo, chefe aposentado da repartição de estatistica e vogal do conselho geral das alfandegas. Mouta e Vasconcellos era um dedicado partidario do partido regenerador do qual foi um dos seus membros mais distinctos e prestantes. Collaborou na imprensa politica com rara intelligencia e bom senso. Uma terrivel doença que o accommetteu ha poucos annos inutilisou-o para a vida activa, victimando-o por fim e roubando-o á sua extremecida familia e aos amigos, que todos deploram a sua perda.

FABRICA A VAPOR DA CAMISARIA MODERNA. — Os proprietarios da *Camisaria Moderna* estabelecida na Praça de D. Pedro n.º 105 os srs. Pereira da Costa & C.ª, resolveram estabelecer uma fabrica em Linda a Velha, para desenvolverem a sua industria de roupa branca, afim de alargarem a exportação dos seus productos.

A inauguração d'esta fabrica teve logar no dia 17 do corrente, mas nós não podémos assistir a essa festa, apesar de termos recebido convite dos srs. Pereira da Costa & C.ª, porque outros deveres do nosso cargo nos chamaram a outro logar n'aquelle dia.

Entretanto consta-nos que a festa se realisou com grande luzimento e esteve muito concorrida, que a fabrica está perfeitamente organisada possuindo machinas que lhes permittem uma producção abundante e perfeita, com grande vantagem para o consummo.

Agradecemos o convite e esperamos poder tratar mais largamente d'este importante estabelecimento industrial.

MAPPA DO PLANETA MARTE. O ultimo numero da revista d'Astronomia de Camillo Flamarion publica um curioso mappa do planeta Marte, resultado de aturados estudos e observações telescopicas do celebre astronomo francez.

Adolpho, Modesto & C.ª — IMPRESSORES
25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43